



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. - Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Schumann. — Carta das Caldas. — Noticiario. — Necrologia.

Schumann

Algumas palavras apenas...

De todos os artistas aquele que pela sua alma mais de perto toca o transcendentalismo que no futuro a arte e por fim, toda a vida sem duvida ha de possuir, aquele que numa personalidade unica, exclusiva, numa personalidade que todas as outras conségue ofuscar, decerto acentua como nenhum outro o espiritualismo no futuro dominador, aquele que assim, entre os grandes se mostra na verdade o maior de todos, é sem duvida alguma o genial compositor Schumann. A musica dele não é com certeza a mais extraordinaria, sob esse ponto de vista. Wagner excede todos os compositores que até hoje existiram, mas pelo que exprime ela é a mais sublime, a que num subjétivismo absoluto melhor acentua a alma do homem que é a alma da Existencia, e por isso é ele que um lugar de destaque merece entre os mais geniaes precusores da estética transcendental!... Só n'outros estudos filosoficos eu mostrarei o que ela é, quais as bases que deve possuir para sublimemente exprimir a natureza essencial das cousas, o Espirito em suas infinitas convulsões, enfim, a Vertigem eterna da Existencia que num mundo transcendental, num mundo que do espaço e do tempo, simples ficções, transcende, que na Inextensão Absoluta toda se acentua, e por isso agora, fazendo-a um pouco presentir, apenas nas suas linhas gerais quero salientar o espirito sublime do seu mais extraordinario precursor. Estranharão talvez que eu não prefira colocar num lugar de destaque

a personalidade genial de Frederico Nietzsche, outro subjétivo que nem os seus proprios admiradores compreendem, mas Nietzsche por mim imensamente divinizado, não é ainda verdadeiramente transcendental. Quando muito, o seu genio entre o de Beethoven e o de Schumann se deve colocar. Mais ainda do que Beethoven que como prussiano a sente brutalmente, não em sua expansão infinita, Nietzsche compreende a Existencia, mas ainda de Schumann está bem longe! Para Beethoven as convulsões do Universo são quasi materiais, não tanto como para Wagner e sobretudo para os seus discipulos, mas em grande parte. Nele ha as paixões humanas que entre o materialismo esmagador da natureza bruta e o Espirito se encontram, êle não se limita como Wagner a vêr os movimentos convulsivos do exterior, sente-os antes em si, funde-os na sua alma, torna-os intimos, pessoais, subjétivos, eles, transformados na paixão, não animal como a de Goya e sobretudo de Ribera, mas ainda mais profunda, mais intima, menos material, na paixão humana, eles em Beethoven já não são movimentos visuais do dominio das sensações consideradas reais num exterior ficticio, são forças mais indefenidas do que os movimentos que assim o seu definismo aparente foram perdendo, são as forças já indefenidas da alma já semiespiritual, etérea, da alma que os ocultistas denominam o corpo astral, o corpo possuidor da fluidez subtil do éter e formado por uma substancia semelhante, a que os espiritas chamam o od, fluido imponderavel que por uma inergia vigorosa como a inergia elétrica, é constituído, que é essa inergia; mas se esses movimentos tornados forças, tornados paixões, perderam em grande parte o seu materialismo, sensível num exterior defenido, se se tornaram pessoais, subjétivos e como tal indefiníveis, que só num

espaço fictício e não na alma que o espaço não supõe, já que só nele o definido existe na aparência, na aparência sómente, não ha duvida que essas forças da alma, essas paixões ainda são caudalosas, ainda possuem uma pastosidade grande, ainda não possuem a plasticidade infinita do Espirito, ainda o seu dinamismo não é infinito, não se exprime numa facilidade infinita, ainda é duro, pastoso, ainda tem com que resistir, não é absolutamente facil, unico, exclusivo, não alcança tudo eternamente, como infinito, absoluto, não é uma vertigem infinita, ainda muito de material possui! O dinamismo espiritual é transcendente, sendo infinito, é absolutamente continuo, a atividade, essencia dele, como infinita, tudo alcança eternamente, ele não se estende num espaço que o tornaria divisível, que não permitiria a sua absoluta continuidade nem se dá no tempo que essa continuidade também não permitiria; se tudo alcança eternamente, tudo que ele contém é eterno, não surge na sucessão, tudo nele existe simultaneamente e tudo continuado em absoluto, indistinto, confundido! Sim, é pois num mundo transcendental, no mundo da Inextensão, espacial e temporal, é no Espirito assim acentuado numa consubstanciação suprema, absoluta, é nele que o dinamismo eternamente se debate numa vertigem infinita, é nele que ele exprime a sua ancia, a Ancia Pura que é a atividade transcendente, absolutamente vertiginosa!... Em Beethoven; essa vertigem delirante não se dá, ha pastosidade, defriculdade de expansão que se é grande, não é infinita! E em Nietzsche, isto que apesar do seu prussianismo, não é tão evidente, isto ainda em parte se dá... Ele compreende que não é na exteriorisação altruista da personalidade, não é entregando a sua alma aos outros que a atividade da Existencia em sua expansão é sentida por nós; na sua nervosidade genial reconhece que a Existencia só é sentida quando encarnando-a em nós, numa concentração grande de espirito vivemos, quando ela se torna bem nossa, quando a sua vigorosa atividade que o desejo exprime, só no nosso espírito se expande toda, mas ele que assim presente o transcendentalismo espiritual dessa expansão, ele que quasi se compenetra da acentuação de toda a inergia, de toda a atividade no Infinitesimal, na Inextensão, na Mónade, ele disse se não compenetra completamente; contradizendo-se, mostrando a instabilidade do seu espirito, admite que o superhomem para os homens olhe, esmagando-os, não sustenta a indiferença absoluta que diante de toda a materia o superhomem devia exprimir. Este não é um hyperesteta que jámais se exteriorisasse nem dirigindo-se á humanidade a ele estranha nem sequer expri-

mando em obras d'arte, sempre exteriorisações da alma, o seu espiritualismo, um hyperesteta que exclusivamente vivesse do seu espirito em convulsões infinitas, convulsões da Existencia!... não, não possui o espiritualismo absoluto dum asceta, que o Deus em absoluto encarnasse em si numa personalisação suprema e em toda a sua vigorosa vertigem em vez de no exterior o adorar! Indo alem de Beethoven que a materia apenas subjétivou, Nietzsche presentiu o Espirito mas presentiu-o apenas... Foi também alem de Ibsen, que compreendendo talvez um pouco melhor do que Beethoven as convulsões intimas, essenciais da Existencia, sentiu-as menos, e foi além dele não só por sentir mais, por ser mais subjétivo, menos racionalista mas também porque á expansão da vida, a expansão da individualidade em Ibsen, mais distinta, mais nobre do que muitas vezes é no prussianico Nietzsche, é porem, mais humana, menos espiritual, menos transcendente; mas se a personalidade de Nietzsche se impõe mais do que a de Beethoven e sobre tudo do que a de Ibsen, impõe-se porem, menos do que a de Schumann! E mesmo não devo esquecer a obra em que Ibsen se excedeu a si proprio, «O arquiteto Solness» em que o genial dramaturgo norueguez mais transcendente se mostra do que Nietzsche apesar de sempre se manter no dominio para ele quasi exclusivo da razão.

Schumann todos excede no seu espiritualismo vibrante, no seu delirio superesteterico! O Espirito mostra-se nele confuso mas já em todo o seu poder, o seu sublimismo o qual até hoje ninguem mais atingiu. Não posso esquecer as personalidades extraordinarias de Anthero e Columbano mas estes que, mais do que quaesquer outros, se aproximam de Schumann, ainda dele se distanciam bastante. O espiritualismo dos nossos mais geniais artistas é ainda latente, existe também em todo o seu poder mas oculto!... Nas figuras de Columbano — veja-se o tétro do Teatro Nacional e as tagides do museu de artilharia — ha já qualquer coisa de vibrante mas ele é sobretudo tragico. O seu tragicismo é espiritual mas como tragicismo não exprime perfeitamente o delirante vibrantismo do Espirito. O Espirito está latente, nós presentimo-lo todo, não incompletamente, imperfeitamente como em Nietzsche, pelo contrario, em todo o seu poder, mas não o sentimos verdadeiramente ainda. Nietzsche que não, cai numa contradicção conforme afirma Höffding, defendendo o igoismo e a expansão da vida, Nietzsche que defendendo o egoismo e a expansão vital defende a expansão mais perfeita, mais sentida que existe, a que só se dá no nosso espirito, no nosso ser, Nietzsche possui ainda uma instabilidade que o illustre pensador dinamarquez

não soube bem notar, a que se exprime na de-
feza da expansão de espirito e do dominio da
força sobre os outros, dominio que na sua ex-
pansão intima, espiritual, de esteta, um ver-
dadeiro snperhomem não deve exercer; não é
todo o igoismo quasi espiritual de Nietzsche
que nós devemos combater pois, mas apenas
o que ele ainda tem de material, o unico que
Nordau estupidamente viu e que muitos dis-
cipulos seus, não o compreendendo, julgam
dever completamente seguir. E devendo nós ain-
da combater em Nietzsche o seu lado mate-
rial, é que este existe não existindo em Colum-
bano. Mas se em Columbano só existe o Es-
pirito, este não é absolutamente expansivo,
mantem-se oculto como disse.

E em Schumann já ele oculto se não encon-
tra quasi! E' confuso mas exprime bem a sua
vertigem essencial, o seu infinito, absoluta-
mente livre, dinamismo intimo. No grande
compositor o Espirito não deixa ver bem a sua
unidade, é aos pedaços que ele surge, mas
surge já bem. São antigos ainda os processos
musicas de Schumann, ele que no ritmo
quasi sempre excedeu o proprio Chopin, ele
quasi desconheceu a harmonia e nisso Beetho-
ven, que nas suas composições possui muito
mais musica, é bem superior. Tambem o facto
da sua obra ser feita aos destroços impede que
como compositor ele se possa colocar ao lado
dos mestres da musica moderna a partir de
Beethoven. Mas se na riqueza frutificadora da
harmonia musical, um espiritualista consegue
exprimir melhor a vertigem da sua alma do
que nos processos relativamente acanhados do
ritmo, que em Schumann toma aliás uma
complicação por vezes verdadeiramente ma-
gstral, em que não se reconhecem apenas rit-
mos sucessivos, o que muitas vezes exclusiva-
mente se dá com Chopin, aliás um dos gran-
des mestres desses antiquados processos, mas
em que se reconhecem quasi sempre ritmos
imensamente complexos, ritmos cheios de rit-
mos, se na harmonia melhor o Espirito se
póde exprimir do que em processos que só os
calmos helenos deviam empregar, processos
belos mas nunca sublimes, nunca proprios a
exprimir a vertigem, não ha duvida que atra-
vez de processos improprios dum génio como
Schumann e que só a Chopin na sua dolente
alma depressiva de polaco nos tempos moder-
nos competia empregar, não ha duvida, digo,
que atravez dessa antiquada técnica musical,
uma alma vibrante dum psiconevrotico se re-
conhece bem e é a essa alma, não á forma
da sua exteriorisação na arte, que nós sobre-
tudo devemos atender!

A tecnica teatral de Ibsen é perfeita, nenhum
dramaturgo mesmo, se póde comparar a ele
sob esse ponto de vista, além do sistema de
carpintaria que se não é tão perfeita, tanto de

efeito como o de Sardou, o maior cabotino do
teatro que só ao efeito teatral, ao movimento
intenso e harmonico das entradas e saídas,
soube atender, que se não é tão perfeito, digo,
é suficiente, além desse sistema de carpintaria,
esqueleto da arte cenica, além dele, Ibsen mos-
trou tanto nos monologos como nos dialogos
uma arte inexcédível. As frases, relativamente
simples, sem a elevação das frases shakespeare-
anas, o que bastante lastimo, emfim... frase-
s do drama moderno, desse drama natura-
lista que tanto banalisa a arte num empirismo
insipido, elas são sem dúvida elegantes, duma
elegancia literaria completa; além disso, que é
rudimentar em toda a literatura, essas frases,
sempre curtas, possuem tonalidades expressi-
vas que duma para outras variam imenso sem
nunca perderem um fundo comum que as uni-
fica, que as harmonisa; os personagens que a
cada passo variam assim de expressão possuem
tambem um espirito uno, unificador dessa va-
riedade, cada um deles é um estudo imensa-
mente complexo e uno, e assim os actores
que os queiram interpretar, teem um trabalho
estupendo e devendo manter sempre no decor-
rer duma peça de Ibsen o mesmo caráter, de-
vem fazer surgil-o sob os aspetos mais varia-
dos e variaveis. Jámais ha duas frases seguidas
que se devam dizer no mesmo tom e isto não
impede que todas elas se unam bem numa
harmonia perfeita. Nos diálogos não se notam
falas destacadas umas das outras, o que um
personagem diz necessita uma resposta doutro,
depois de cada afirmação não ha verdadeiros
pontos finais que a destaquem em excesso dou-
tras afirmações e se por vezes, o que ainda
mais bela torna a arte de Ibsen, se por vezes
ha contrastes, estes que parecem assim provo-
car destaques, apenas salientam o valor das
frases e das situações em contraste que em vista
dele se relacionam deste modo bem umas com
as outras, por meio duma corrente submaterial
que muito as liga, que surgem emfim, umas
em relação ás outras, que é assim surgirem em
contraste. Ha uma grande variedade dentro da
mais completa harmonia; não se nota em
Ibsen uma dissonancia que não seja prevista
para melhor acentuar a harmonia, para melhor
acentuar o Todo, não se encontra nenhum ver-
dadeiro ilogismo, nenhuma dissonancia verda-
deira. Ibsen criou o drama naturalista clas-
sico, o seu teatro é absolutamente uno atravez
duma variedade imensa em que jámais foi ex-
cedido. Mas por ventura se o seu Drama fôsse
apenas perfeito no seu psicologismo e na sua
arte com este, hoje, intimamente relacionada,
por ventura ele teria o valor extraordinario
que tem, por ventura a personalidade de Ibsen
estaria tão em destaque nos tempos moder-
nos?... De modo algum; o seu teatro é com-
pleto, impõe á humanidade um genio extraor-

dinário, porque através do seu psicologismo artístico profundo ha sempre uma conceção unificadora profunda, ha sempre uma alma profundamente filosofica. Se em cada peça houvesse uma ideia que a unificasse, mas uma ideia simples, insignificante, o teatro de Ibsen mal se salientaria sobre os outros, contudo como isto não se dá, como é uma individualidade forte, profunda, grande, que sempre se exprime no teatro mais sublime dos tempos modernos, ele impõe-se, de todos os outros ele se destaca. E podiam, tecnicamente falando, as peças de Ibsen serem inferiores, que a sua personalidade para todos os homens de elite seria sempre genial. Bastava ele exprimir bem, pôr bem em evidencia o seu espirito, tornado assim compreensivo, não carecia de mais nada, de artificios nenhuns para ser aos olhos de todos verdadeiramente grande! E' á sua personalidade considerada filosoficamente, não tanto á exteriorisação dela, que todos devem atender. Uma grande alma pôde não saber absolutamente nada exprimir-se, salientar-se, que não deixará por isso de ser grande! . . . A arte só serve para os outros, não serve propriamente para o criadôr; é util porque só através dela a alma dum génio se conhece, é util para que o génio a todos se imponha e sugestivamente estimule a civilisação mas sem ela o génio é tambem sempre grande! Ela é um meio, não é o fim. E tempos virão em que absolutamente superiores todos hão-de considerar aqueles que a sua alma absolutamente espiritualizada, não poderem exteriorisar, materializando-a, concretizando-a! . . . Então hão-de existir estetas e de modo algum artistas.

Mais ainda! Não existirão estetas que mesmo no seu intimo dividam a personalidade vendo num exterior ideal qualquer coisa de vagamente concrêto, defenido, compreensivel, mas existirão sêres que de tudo se compen-trem sem nada compreenderem — só se compreende o que se coloca num exterior a nós. . . — que tudo fundem em si, tornando-se o Espirito Puro, em suas convulsões infinitas, absolutamente uno, inextenso, indefenido . . .! E então surgirá a éra do hiperesteta que não precisará exteriorisar-se para ser pelos outros sentido, pois o espirito dos homens que então ainda existirem verá melhor de que os de hoje, especulará diretamente as almas sem dos meios materiais, indiretos. se precisarem utilizar!

Mas esses meios ainda hoje são necessarios. Ainda os homens carecem das sensações, fundo material de qualquer arte, para através delas atingirem o espirito dos criadores, almas grandes. Essas sensações sugestivas que á alma mais profunda conduzem, alma que profundamente nos emocionando profundamente em nós se funde, essas sensações superiores que assim deixam por vezes descortinar o Espirito,

ainda dominam a nossa compreensão que só através delas atinge o fundo essencial de tudo, da Existencia! . . . Devêmos pois distinguir nos criadores, a alma e os processos artisticos. Se aquela é profunda, duma profundeza transcendente, não é propriamente de natureza psicológica; de todos os fenomenos psicologicos, sempre um tanto defeniveis ficticiamente, de todos eles transcende, é na realidade a sua essencia, a essencia de tudo, de todos os fenomenos, que todos são psicologicos, é o Indefenido Absoluto, é o Divinismo Puro que sob fórmãs diversas e separadas não surge, fórmãs que distinguindo-se, se definem, defenindo-se os seus caratêres distintivos, mas que surge totalmente numa unidade infinitesimal, absolutamente inextensa, transcendente, espiritual, é emfim a Vertigem Eterna dêsse puro dinamismo, d'esse dinamismo espiritual que todo unificado numa consubstanciação suprema, no Infinitesimal, na Inextensão, todo se debate numa ancia suprema, infinita, ancia sem fim, que só de si, do seu infinito sublimismo eternamente vive. . . Sim, e se essa alma, assim transcendente, aos outros se quer manifestar, se sendo ainda confusamente transcendente, num laço tenue se liga ainda ao defenido, ao psicologismo aparente da Existencia que, só no seu fundo, na sua essencia sublime, é ultra-psicologica, é filosofica, mais do que isso — a razão filosofica, a razão pura, só os limiares do Espirito atinge, não é ainda todo o Espirito. . . — mais do que isso, digo, é toda espiritual, é hyperestetica, se essa alma que vendo já o Espirito, vê ainda o psicologismo aparente das cousas, que entre o Espirito e a apparencia se encontra, se ela toda se quer exteriorisar, pela materia exprimindo todo o sublimismo vertiginoso da sua essencia convulsiva, doutras qualidades bastantes estranhas ao seu espirito absolutamente vertiginoso, o seu espirito que peias nenhuma sensacionais, do dominio do defenido, devia suportar, doutras qualidades que já ao dominio da materia, vâgificação do Espirito, sem duvida pertencem, doutras sem duvida carece, outras precisa possuir para convulsionando a matéria com ela fortemente acentuar todo o Espirito! Essas qualidades não são transcendentas, são psicologicas e desde o sentimento estético até á arte de executar a arte, elas, toda a individualidade do genio precisam encher. Esse génio, esse criador de Espirito não pôde ser apenas um esteta, tem de igualmente ser um artista! Os processos artisticos desse esteta sublime que todo o Espirito quer na arte exprimir não são os processos classicos, a estes que o estatismo exprimem, são até opostos, e vejam-se as figuras espirituas de Columbano que sendo quasi horrendas, plasticamente falando, são sublimes pelas expressivas, bem acentuadas cris-

pações ansiosas da matéria que cuidadosamente escolhidas por uma concepção artistica superior, só atravez delas, assim produtos duma seleção profunda, deixam descortinar o Espirito, a Vertigem Ansiosa da Existencia! mas se os processos artisticos do passado completamente devem ser postos de parte, outros não menos difíceis se devem assim adotar. Nas artes plasticas, a forma humana que os classicos quasi exclusivamente adotavam, deve ser tambem quasi exclusivamente expressa, é atravez dela que melhor se exprime o Espirito — não se esqueçam porem, os efeitos tambem por ventura um tanto espirituaes que Ruysdael da paisagem tirou — e apenas em vez de lhe darem uma beleza corporal, os pintores e os escultores o sublimismo delirante do Espirito, da Anxia, devem no corpo e na fisionomia acentuar. No que respeita aos artistas da palavra, o estilo chão, banal hoje em voga, eles devem desprezar e empregando um outro bem convulsivo que a histeria mais perfeita, que a psicose mais acentuada deixe reconhecer, tambem cenas de espirito, não essas cenas banaes de todos os dias, cenas dum igoismo superior, espiritual, se devem descrever, mantendo-se sempre a mais absoluta unidade, a harmonia mais perfeita atravez de uma complexidade vertiginosa. E como na musica transcendente, essa complexidade unificada deve existir, os processos mais livres da harmonia se devem empregar, não os processos que Schumann, mais esteta do que artista, quasi sempre empregou.

E é na musica que as convulsões intimas, espirituaes da Existencia, melhor se podem acentuar. As sensações sonoras, base da arte mais sublime de todos os tempos, são as mais intimas, as mais claramente pessoais, subjéctivas, aquelas que mais deixam descortinar o vertiginoso sublimismo do Dinamismo Puro, são elas as mais dinamicas, e deste modo, a espontaneidade duma alma convulsiva, vertiginosa melhor que noutras artes, na musica se póde exprimir, acentuar toda!... E' pois, na musica que a Estética Transcendental toda se póde manifestar.

(Continúa).

Sousa Leal.



CARTA DAS CALDAS

Meu caro Lambertini

Venho hoje dar noticias artisticas d'estas thermas, onde tranquillamente tenho estado a

dar os ultimos toques nos meus trabalhos literarios, o que não impede que venha contar como a grande arte de Beethoven tem sido cultivada...

Este anno não tivemos a banda da Guarda Republicana; depois de varios convites a diversas bandas veio finalmente a de infantaria 1 sob a regencia do maestro Encarnação.

Foi recebida com grande entusiasmo pela população d'esta villa; os programmas têm sido elaborados com um certo cuidado tendo havido alguns, dignos de applausos justos.

As phantasias da *Cavallaria*, *Tosca*, *Dinorah*, *Sansão e Dalila* e *Tannhauser* foram recebidas com enormes applausos. O naipe dos instrumentos de madeira é algo fraco, prejudicando um pouco as execuções, mas o maestro Encarnação faz verdadeiros milagres com a falta de elementos da sua banda.

No club temos tido o sextetto do *Salão Central*, com a mudança de dois elementos, pois temos tido na *viola* o sr. Ivo da Cunha e Silva e no *contra baixo* o sr. Victor da Cunha e Silva.

Os concertos têm sido muito applaudidos, embora nos seus programmas haja pouca variedade nas obras. O repertorio moderno nunca é ouvido, assim as musicas de Debussy, Dukas, Charpentier, assim como o repertorio Wagneriano (exceptuando *Lohengrin* e *Tannhauser*) nunca è executado. Gostam muito de fazer a vontade ao publico, por isso tocam até *zarzuellas!* Não estou de accordo, os artistas devem educar o publico e o nosso necessita tanto!

No theatro *Pinheiro Chagas*, estive uma companhia com artistas do theatro *Avenida*, tendo-se cantado a *Viuva alegre*, *Casta Suzana*, *Amores de Principe* e *Sonho de Valsa* e ha dias outra companhia da qual fazia parte o actor Cardozo; o exito d'esta foi discreto.

No salão do *Sport-Casino*, realisou-se a festa artistica do sextetto com o seguinte programma:

1.ª PARTE

- 1.º — **Marcha** (pelo sextetto) *Mendelssohn.*
- 2.º — **Versos**
pelo sr. Affonso Rodrigues Pereira.
- 3.º — **Zaza** *Leoncavallo.*
pelo sr. Eurico Moraes.
- 4.º — **Valsa de concerto**
Ave Maria
para guitarra pela sr.ª D. Adelaide Sager.
- 5.º — **Madame Butterfly** . . . *Puccini.*
pela sr.ª D. Fortunata Levy.
- 6.º — **Árias Bohemias** *Sarasate.*
solo de violino pelo sr. dr. Martins Pereira.

7.º — *La mort d'Ase* *Grieg.*
orquestra d'arcos e piano.

2.ª PARTE

1.º — *Trio* n.º 1 em *mi* be-
mol *Beethoven.*
pelos srs. João Queriol, G. Barbosa e J. Passos.

2.º — ?
pelo sr. Christovão Ayres, filho.

3.º — *Rêverie* *Schumann.*
Caprice Hongrois *Dunkler.*
pela sr.ª D. Adelaide Sagner.

4.º — *Romanza da Mignon* *Thomas.*
pela sr.ª D. Maria Amelia Cid.

5.º — *Polonaise*, op. 40, n.º 1 *Chopin.*
para piano pelo sr. João Queriol.

6.º — *Loreley* *Catalani.*
pela sr.ª D. Fortunata Levy.

7.º — *Marcha Hungara* *Berlioz.*
pela orchestra d'arcos e piano.

Acompanhamento ao piano — João Queriol
e Theophilo Sagner

Em um concerto composto quasi todo de amadores que mostraram tão boa vontade, que heide dizer? Que foram todos muito bem e que foram tambem muito applaudidos.

Preparam-se recitas no theatro com monologos, comedias e córos.

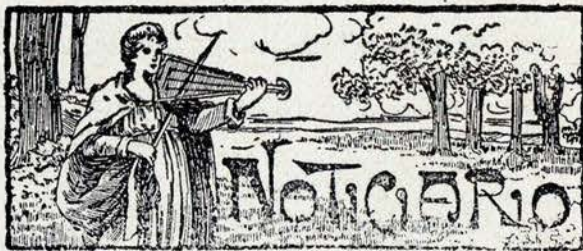
Até está aberta um subscrição para que o aeroplano do Porto venha voar sobre esta villa!!!

E quem sabe, talvez ainda vejamos aqui o Weingartner a reger symphonias de Beethoven!

Por hoje nada mais. . .

Seu amigo

A. P. S.



PORTUGAL

Foi por muitos titulos interessante a recita concerto, que a nova empreza da Trindade, srs. Gomes & Grijó, organisou em 17 d'este

mez para apresentação dos seus principaes artistas.

Pelo que poude apreciar-se n'essa festa, dispõe a companhia de optimos elementos de operetta — dois tenores de primeira ordem, os srs. Ignacio Genovez e Antonio Garcia, um soprano de grandes recursos, a sr.ª D. Elsy Rogenmoser, que tomou para o theatro o nome de Elsy Rubini, e outros artistas que muito hão de concorrer decerto para o luzimento da época de inverno no nosso primeiro theatro d'operetta.

Entre os estreiantes, conta-se o barytono Vasco Peixoto, que estudou em Paris com mad. Peramelli e o já citado Antonio Garcia, que foi nosso pensionista em Roma, estudando ali primeiro no Conservatorio e aperfeiçoando-se depois com Cotogni, Matteini e Fratelli. De Elsy Rubini, pois que assim lhe chamaremos d'aqui em diante, já aqui temos fallado em varias occasiões; é uma artista conscienciosa e sobria, cuja linda voz, tão superiormente burilada por mad. Mantelli, ha de fazer as delicias dos frequentadores da Trindade.

E' em summa uma boa companhia, como ha muito não ouvimos em theatros portuguezes, e estamos esperançados em que a direcção artistica do sr. Antonio Luiz Gomes, que supomos tambem estreiante n'esse genero de trabalhos, ha de conseguir pôr em relevo os valiosos elementos que hoje ali se contam.

*
**

Foi muito festejada em Lisboa a *Tuna-Orchestra* portuense, cujo concerto do Colyseu, em collaboração com a banda da Guarda Republicana, suscitou o mais vivo e legitimo entusiasmo.

Os srs. Pinto de Queiroz e Fernandes Fão, regentes d'essas duas apreciaveis agremiações artisticas, foram alvo de grandes ovações.

*
**

De um grupo de musicos militares, recebemos copia do relatorio que pelos mesmos foi enviado á commissão encarregada de elaborar o Regulamento Geral dos Serviços do Exercito, definindo algumas pretensões que nos parecem de todo o ponto justas. N'esse relatorio que por escassez de espaço não podemos transcrever na integra, reclamam os musicos militares: — respeito por parte de todos os individuos de graduação inferior embora de classes diferentes, substituição das liras de torçal pelas de fio dourado, com a abolição d'esse symbolo para os clarins, e concessão de galões no canhão para os chefes de musica.

A nós outros, para quem são absolutamente estranhos os assumptos de hierarchia militar, afiguram-se-nos não só justas estas reclamações, mas até de facil satisfação. Supponmos portanto que sejam promptamente deferidas.

*
**

Os professres Colaço e Casaux, com o concurso de Mad.^{elle} Alice Rey Colaço e do distincto violoncellista-amador, sr. Somers Cocks, deram um concerto na noite de 23 no Monte Estoril, salão Silva Carvalho.

Entre os diversos numeros de um programma variado e artistico, figurou a *Introdução, gavotte e scherzo* de uma *suite* de Popper, para dois violoncellos.

*
**

Pelas ultimas noticias recebidas da Figueira, a musica acantonou-se ali no Casino Peninsular, tendo cessado em todos os outros estabelecimentos similares, a partir do fim de agosto, por causa da prohibição do jogo.

A affluencia de barhistas é no entanto enorme e os grandiosos salões do Peninsular regorgitam quasi sempre de publico, que se não cança de aplaudir o magnifico sexteto dirigido por Francisco Benetó, e de que faz parte José Bonet e outros bons artistas. Entre outras obras importantes, tem ali sido executados muitos fragmentos de Wagner, *Preludios symphonicos* de Liszt, *Symphonias* de Beethoven e de Schubert, etc.

Uma das surpresas que muito interessou os *habitués* do casino foi a estreia do pequeno Paco, o filhito de Francisco Benetó, que na festa artistica do Sexteto se apresentou a tocar uma *Berceuse* de violino, expressamente escripta por José Bonet para esta estreia. E o certo é que o violinista *in erba* teve uma ovação a valer!

A proposito de Benetó, devemos dizer que o excellente artista está contractado para dois concertos em Madrid e outros dois em Valencia, devendo regressar a Lisboa em meiado ou fim de Novembro.

ESTRANGEIRO

Hugo von Hoffmansthal, libretista da *Ariana en Naxos* de Ricardo Strauss e Max Reinhardt que a deve pôr em scena pela primeira vez na Opera Real de Stuttgart, a 25 de novembro, decidiram introduzir novas scenas na sua adaptação do *Bourgeois Gentilhomme* de Molière, para poder juntar de uma maneira original a comedia á opera.

Todos sabem que em Molière, o mestre de

musica de M. Jourdain, tem um discipulo que compõe, ora, Reinhardt concebeu o projecto de dar ao discipulo mencionado a máscara do... proprio Ricardo Strauss; na obra de Strauss-Hofmansthal, o discipulo comporá nma opera intitulada: *Ariana em Naxos*; M. Jourdain fará representar essa opera em honra da bonita marquezia e dos outros seus convidados. Strauss apparecerá portanto na comedia de Molière!

Um compositor alemão do seculo vinte em scena ao lado de M. Jourdain, vestido á Luiz XIV! Quem diria!! E, o que vae ser verdadeiramente original é que vamos poder vêr com os nossos proprios olhos as alegrias e tristezas da carreira de compositor. Assistiremos ás suas discussões com as *prime-donne* encarregadas de interpretar a sua obra; estas arrancam-lhe a partitura das mãos; querendo cada uma obriga-lo a cortar e modificar segundo o seu capricho pessoal.

A obra reserva-nos tambem surpresas... musicas; entre outras, durante o jantar que m. Jourdain dá em honra da marquezia e do seu bom amigo, serão servidas costelletes, co-tovias e mais aves, tudo isto em musica... Strauss instrumentou o *menu*!

A musica de *Ariana em Naxos* não é portanto comparavel ás anteriores obras do mesmo compositor, que, d'esta vez renunciando á grande orchestra escreveu para orchestra de camara; no principio da opera a musica estará a cargo de dois violinos, dois violoncellos e tres contrabaixos, depois, pouco a pouco entram... no concerto mais: quatro violinos, dois violoncellos e quatro contrabaixos que a breve trecho são seguidos por: duas flautas, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas e um clarim, uma especie de harmonium inventado pelo compositor e duas harpas.

Alem da opera que servirá de continuação á comedia de Molière-Hoffmansthal, Strauss escreveu musica para ser executada antes da comedia e durante ella; assim terá, não cinco actos como em Molière, mas dois principiando cada um por uma *ouverture*, e durante a representação da peça teremos occasião de ouvir varios *Lieder*, uma serenata, e um duetto de pastores. A representação total será tão longa como a do *Salome*. Para terminar digamos que Strauss e Hofmansthal dedicaram a sua obra a Max Reinhardt. — Decididamente: *Finis Straussae*.

*
**

O *Metropolitan Opera-House* de New-York deve representar na proxima epocha um drama em musica devido á collaboração de dois compositores americanos.

Diz-se que o *libretto* é extrahido dos *Trois Mousquetaires* de Dumas pae.

*
**

O príncipe Alberto de Monaco acaba de dar mais uma prova do seu espirito generoso e humanitario promovendo pessoalmente uma série de representações extraordinarias na Opera de Paris. O producto reverterá a favor das victimas da aviação.

Ouvir-se-hão portanto em Paris reunidos, os cantores que fazem a gloria das epochas artisticas em Monte-Carlo: Caruso, Schaliapin, Smirnoff, Titta-Ruffo; M.^{mes} Agostinelli de Hidalgo, Meslys, etc.

*
**

Na epocha transata foram as operas de Puccini vencedoras em toda a linha no theatro *Covent Garden* em Londres. Tanto sob o ponto de vista do numero de espectaculos como da quantidade de espectadores, bateram todas as outras operas.

*
**

A 17.^a estação da *London Symphony Orchestra*, sob a direcção de Sir Henry Wood, principiará a 19 de Outubro.

*
**

Acaba de apparecer uma tradução ingleza das *Memorias* de Berlioz.

*
**

Debutou na Opera de Paris no *Sansão* o tenor austriaco Majerski.

*
**

Mary Garden apparecerá em Paris na Opera-Comica cantando a *Tosca* e a *Traviata* para regressar á America onde ultimamente tem cantado com grande successo.

*
**

Felix Weingartner terminou ha pouco um concerto para violino que Fritz Kreisler executará pela primeira vez em Vienna na proxima época e depois na America e em Inglaterra.

*
**

Ao acceitar a direcção das representações lyricas em Hamburgo o maestro Weingartner fez pôr em estudos a obra verdiana *Aida*.

*
**

Em Helsingfors creou-se um theatro de opera finlandez. Devido á iniciativa dos can-

tores Aino Ackté e Edvard Fazer preparam-se tres mezes de theatro, durante os quaes alem das obras nacionaes serão dadas as obra-primas universaes mas sempre traduzidas em finlandez.



Por só agora termos conhecimento d'esse triste acontecimento, não pudemos noticiar a seu tempo a morte do distincto amator de canto, o sr. José Eduardo Pinto da Cunha. O sympathico cantor vivia ha muito tempo na Suissa, onde suppunha encontrar allivio a antigos padecimentos, e foi ali que a morte o foi surprehender.

O retrato de Pinto da Cunha figurou em tempos na *Galeria dos nossos*, publicada durante annos por esta revista.

*
**

Victimado pela tuberculose falleceu em 13 d'este mez o violinista Eduardo Augusto Ferreira, socio da firma Viuva Luiz Ferreira & C.^a, com estabelecimento musical na rua da Assumpção, e irmão do considerado pianista, sr. João Carlos Ferreira.

Contava 52 annos, era natural de Lisboa e pertenceu ha annos á orchestra de S. Carlos e outros theatros.

*
**

Em 23 succumbiu um dos nossos mais estimados musicos militares, o sr. Antonio Maria Cheu, mestre da banda do corpo de marinheiros.

O proficiente artista era natural de Beja e contava 46 annos de idade, desempenhando ha 14 as funcções de mestre d'aquella importante banda, depois de ter transitado successivamente pelas bandas de infantaria 17, 12, 4 e 7, onde foi sempre muito estimado.

Em 19 do corrente Antonio Maria Cheu tinha-se reformado no posto de segundo tenente, devido á enfermidade de que vinha padecendo, a lesão cardiaca, que poucos dias depois o havia de victimar.

Era contrapontista de merecimento e deixou varias composições para banda, que muito concorreram para lhe dar nome.